



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

REFLEXO GUARDADO:
DIÁLOGO ENTRE O MEDALHÃO E O ESPELHO DE MACHADO DE ASSIS

GUILHERME SANTANA
DRE 110097660

Rio de Janeiro

2022

GUILHERME SANTANA

REFLEXO GUARDADO:
DIÁLOGO ENTRE O MEDALHÃO E O ESPELHO DE MACHADO DE ASSIS

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português-Inglês.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Lucia de Guimarães de Faria

RIO DE JANEIRO

2022

1. INTRODUÇÃO

A literatura acompanha a humanidade desde o surgimento da linguagem, isto é, desde o primeiro momento em que um ser precisou se comunicar com outro. Ao longo da história, a literatura se apresentou como expressão, arte ou registro, podendo ser todos os conceitos simultaneamente ou não, jamais sendo limitada por eles ou neles. A manifestação literária não se basta em si; é necessário refleti-la observando o autor - e seus desdobramentos de intencionalidade e motivação, leitor – também com seus predicados e posicioná-los em um contexto histórico-social.

Observando a literatura como uma ferramenta, é possível incorrer no equívoco de que ela sofra das mesmas restrições da linguagem ou, sendo mais exato, sua expressão obrigatória: a língua (BARTHES, 1978:12). Barthes enxerga, na língua, um objeto de submissão e, inevitavelmente, de alienação. Para ele, por estarmos todos aprisionados irremediavelmente às estruturas linguísticas, uma vez que devemos nelas enquadrar nossos pensamentos, somos todos escravos da língua. A concepção de Roland Barthes de que a literatura é a utilização da linguagem não submetida ao poder deve-se ao fato de que a linguagem literária não necessita de regras de estruturação para se fazer compreender. (AMORIM, 2001)

A arte, e, portanto, a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade. (CANDIDO, 1972:53).

Ainda no escopo da definição supracitada, Antonio Candido, em *A literatura e a formação do homem* (CANDIDO, 1972) identifica três funções exercidas pela literatura, que, em seu conjunto, nomeia de função humanizadora da literatura. Segundo (AMORIM, 2001), a primeira das funções por ele identificadas é classificada como função psicológica, devido à sua ligação estrita com a capacidade e necessidade que tem o homem (no conceito mais genérico do termo) de fantasiar. Essa necessidade é expressa por meio dos devaneios em que todos se envolvem diariamente, através das novelas, da música e do fantasiar sobre o amor, sobre o

futuro, etc. Conforme Candido, dessas modalidades de fantasia, a literatura seja, talvez, a mais rica.

As fantasias expressas pela literatura, no entanto, têm sempre sua base na realidade, nunca são puras. É através dessa ligação, conforme (AMORIM, 2001), com o real, que a literatura passa a exercer sua segunda função: a função formadora.

A terceira e última função, levantada por Antonio Candido, diz respeito à identificação do leitor e de seu universo vivencial representados na obra literária. Esta função é por ele denominada de função social (AMORIM, 2001).

A teoria do medalhão foi escrita por Machado de Assis originalmente no ano de 1881, e posteriormente integrado ao livro *Papéis Avulsos*. Neste texto o autor, por meio de um discurso bivocal, apresenta conselhos inescrupulosos de um pai para um filho visando a alcançar prestígio em uma sociedade de aparências. Edificada sobre as bases da ironia, a obra aponta para a valorização do parecer acima do ser, analisando o comportamento medíocre por meio do qual se pode ascender socialmente sem grandes esforços. A obra de Machado, por sua agudeza psicológica e crítica social, realiza com maestria as funções preconizadas por Candido e constitui um eficiente modo de despertar a consciência pensante do leitor.

2. CAPÍTULO 01 - TEORIA DO MEDALHÃO

A “Teoria do Medalhão”, inicialmente um pequeno conto machadiano de sete páginas, constitui uma chave de leitura fundamental para a obra de Machado de Assis. Em seu aniversário de 21 anos, idade na qual era chegada a maioridade para os jovens, o personagem Janjão recebe do pai alguns conselhos para a vida. A essência da conversa trata de um modo de vida que não busque a originalidade, mas fuja de toda “ilusão” de liberdade para o homem. A recomendação paterna é que o filho busque em tudo adequar-se ao gosto da sociedade vigente e se torne mais e mais um ator até que obtenha a consideração das pessoas.

Nas palavras de (BOSI, 2007), o conto-teoria, categoria onde se encaixa a “Teoria do medalhão”, tenta escancarar uma crença vigente no pós-romantismo de que não existe autonomia no sujeito. Se não existe autonomia, a individualidade, o pensar se tornam perigosos e o homem deveria aderir à vida de aparências em sociedade. As palavras de Bosi estão de acordo com a postura do pai neste trecho da obra: “... debes pôr todo o cuidado nas ideias que houveres de nutrir para uso alheio e próprio. O melhor será não as ter absolutamente ...” (ASSIS, 2006, p. 36).

Vários personagens machadianos podem ser descritos pela Teoria do Medalhão, ou se inserem no contexto que ela circunscreve. Analisando o conto, Pereira (2018) o tratou pela ótica da crença na previsibilidade do comportamento humano aprendida pela observação, a qual resultaria linearmente na condução do homem ao caminho da glória da publicidade.

Partindo do conceito de paratopia do linguista francês Dominique Maingueneau, Gimenez e Assunção (2016) concluem que “a paratopia do autor no conto machadiano se constrói na enunciação pelo uso recorrente da ironia expressa no diálogo das personagens” (GIMENEZ E ASSUNÇÃO, 2016). As autoras aqui usam ferramentas de análise do discurso para delinear uma chave de leitura do mundo que o autor constrói para expressar-se e desenvolver sua obra. Em medicina, paratopia denota o deslocamento de um órgão ou membro do corpo. Maingueneau toma o conceito emprestado e chama de paratopia o fato de o autor da enunciação literária se colocar ao mesmo tempo como presente e ausente do seu local de produção. Para ele, a paratopia consiste num não lugar e é simultaneamente condição e produto da

obra literária. Para as autoras citadas, o escritor, uma vez deslocado dentro de uma sociedade composta por indivíduos vazios de conteúdo, teria buscado construir em sua prosa um mundo paratópico, onde a ironia dos personagens serve à indignação do próprio autor.

No final do conto, o autor estabelece uma tensão de extremos entre o príncipe de Maquiavel e o Dom Quixote de Cervantes. De início, o pai de Janjão critica o herói quixotesco, mas termina por considerar seus conselhos como equivalentes ao livro Nicolau Maquiavel. De um lado o herói altruísta e idealista, e do outro o político disposto a tudo sacrificar em nome do poder: “Rumina bem o que te disse, meu filho. Guardadas as proporções, a conversa desta noite vale o Príncipe de Maquiavel” (ASSIS, 2006, p. 40). Essas devidas proporções, como explicam as autoras citadas, se devem à proporção de um príncipe e a de Janjão, bem como à natureza social dos conselhos paternos e políticas do filósofo italiano.

É consenso entre os estudiosos da literatura brasileira que existe uma constante crítica à sociedade brasileira perpetrada por Machado de Assis em sua prosa, principalmente no que se refere às classes dominantes. Dentro do conto também é possível identificar os falantes do diálogo com essa constante quando o pai descreve as conquistas do filho ao atingir a maioridade: “Vinte e um anos, algumas apólices, um diploma, podes entrar no parlamento, na magistratura, na imprensa, na lavoura, na indústria, no comércio, nas letras ou nas artes. Há infinitas carreiras diante de ti” (ASSIS, 2006, p. 36).

Na prosa machadiana não se encontra um personagem que tenha logrado superar essa tibieza de ideias. Os principais são medalhões mais ou menos conhecidos: Quincas Borba é o filósofo louco, herdeiro que despende a vida em misantropia e a conjecturar teorias mirabolantes, a mais duradoura das quais foi seu Humanitismo. Rubião é o professor pobre que se vê deslumbrado com a sociedade carioca, após entrar nela com a fortuna herdada de Quincas Borba e termina por cair na loucura da paixão não correspondida por uma mulher casada, Sofia, mulher essa que, juntamente com seu marido, se aproveita da condição enamorada do antigo bedel para arrancar-lhe os cobres em empréstimos nunca saldados.

Em *Esaú e Jacó*, vemos a conversa entre o gêmeo Paulo e sua mãe, Natividade. Ela manifesta preocupação em relação ao discurso pró-abolicionista do filho na câmara, em que ele declarou que depois da libertação do negro, havia que libertar o branco, numa clara alusão às ideias republicanas contra a monarquia

vigente. Tal ideia poderia trazer graves problemas para a família. A consequência de pensamentos dessa natureza proferidos em público é justamente o que o pai de Janjão aconselha que o filho evite pela via do exercício da fatuidade, ou seja, usar em público tanto quanto possível somente as opiniões mais comuns de maneira a não desagradar a opinião pública para não perder com isso os seus diletos favores. No trecho abaixo o conselheiro Aires explica a origem real dessa ideia pela qual o filho contrariara o bom senso materno e enfrentá-lo:

Não atinou... Nem sempre as mães atinam. Não atinou que a frase do discurso não era propriamente do filho; não era de ninguém. Alguém a proferiu um dia, em um discurso ou conversa, em gazeta ou em viagem de terra ou de mar. Outrem a repetiu, até que muita gente a fez sua. Era nova, era enérgica, era expressiva, ficou sendo patrimônio comum. Há frases assim felizes. Nascem modestamente, como a gente pobre; quando menos pensam, estão governando o mundo, à semelhança das ideias. As próprias ideias nem sempre conservam o nome do pai; muitas aparecem órfãs, nascidas de nada e de ninguém. Cada um pega delas, verte-as como pode, e vai levá-las à feira, onde todos as têm por suas. (ASSIS, 1997, I, p. 992).

Assim, introduz-se um novo conceito machadiano, a teoria das bandeiras, na qual o autor expõe o “conflito” entre os interesses públicos e privados. Interesses públicos são como bandeiras hasteadas à vista de todos, enquanto os interesses particulares se apresentam como bandeiras menores hasteadas logo abaixo das primeiras. A opinião do escritor é que na sociedade brasileira que ele criticava, os interesses particulares se sobrepujam aos públicos, fazendo das bandeiras maiores uma mera fachada para a consecução de outros objetivos não confessados abertamente. Essa teoria está intimamente ligada à teoria do medalhão; a primeira se mostra a expressão política e pública dos resultados da segunda. Juntas perfazem o ciclo descrito pelo pai de Janjão e que é objetivo do medalhão obter, qual seja, o reconhecimento por agradar o vulgo e as vantagens dessa conduta superficial.

A pluralidade de interpretações de uma obra é tão grande quanto o número de leitores que a leram. Apesar da impossibilidade em se fechar uma só possibilidade de leitura, temos um ponto de partida sobre o qual assentar a nossa análise da narrativa. Alguns símbolos que caracterizam a obra machadiana já podem ser notados desde o

primeiro parágrafo: a saber a ironia, o uso do diálogo como desenvolvimento da narrativa e a crítica à hipocrisia social vigente.

Um pai que aconselha o filho a fingir tais e quais ideias somente para alcançar êxito social é uma situação trágica e ridícula ao mesmo tempo. A baixezza dos objetivos e corrupção dos métodos se assemelham ao Príncipe de Maquiavel em escala reduzida: esse cenário traz o tom trágico. Já a comicidade está relacionada ao absurdo de existir um pai que pudesse dar tais conselhos ao filho.

A narrativa segue alternando o trágico e o cômico à medida que, em tom sério e professoral, pai e filho encenam uma aula inusitada de maneira tão compenetrada, que faz o leitor acreditar na seriedade da intenção dos personagens. Por outro lado, o desenrolar da narrativa revela com detalhes o caminho para se ter êxito no ofício de medalhão. Embora o próprio pai tenha desejado e fracassado nesse sentido, ele está convicto de poder ensiná-lo ao filho:

“Tu, meu filho, se me não engano, pareces dotado da perfeita inópia mental, conveniente ao uso deste nobre ofício. Não me refiro tanto à fidelidade com que repetes numa sala as opiniões ouvidas numa esquina, e vice-versa, porque esse fato, posto indique certa carência de ideias, ainda assim pode não passar de uma traição da memória. Não; refiro-me ao gesto correto e perfilado com que usas expender francamente as tuas simpatias ou antipatias acerca do corte de um colete, das dimensões de um chapéu, do ranger ou calar das botas novas. Eis aí um sintoma eloquente, eis aí uma esperança. No entanto, podendo acontecer que, com a idade, venhas a ser afligido de algumas ideias próprias, urge aparelhar fortemente o espírito. As ideias são de sua natureza espontâneas e súbitas; por mais que as sofremos, elas irrompem e precipitam-se. Daí a certeza com que o vulgo, cujo faro é extremamente delicado, distingue o medalhão completo do medalhão incompleto” (ASSIS, 2006, p. 42).

De maneira semelhante é ensinada a importância de dar publicidade aos atos praticados. O trecho a seguir desperta a reflexão de que para conseguir ser bajulado por coisas tão pequenas talvez seja necessário existirem muitos bajuladores disponíveis, o que demonstra o aspecto geral dos valores da população na qual o escritor inseriu o personagem, aderindo ao modelo de paratopia comentado anteriormente:

“Não te falei ainda dos benefícios da publicidade. A publicidade é uma dona loureira e senhoril, que tu deves requestar à força de pequenos mimos, confeitos, almofadinhas, coisas miúdas, que antes exprimem a constância do afeto do que o atrevimento e a ambição. Que D. Quixote solicite os favores dela mediante ações heroicas ou custosas, é um sestro próprio desse ilustre lunático. O verdadeiro medalhão tem outra política. Longe de inventar um Tratado científico da criação dos carneiros, compra um carneiro e dá-o aos amigos sob a forma de um jantar, cuja notícia não pode ser indiferente aos seus concidadãos. Uma notícia traz outra; cinco, dez, vinte vezes põe o teu nome ante os olhos do mundo. Comissões ou deputações para felicitar um agraciado, um benemérito, um forasteiro, têm singulares merecimentos, e assim as irmandades e associações diversas, sejam mitológicas, cinegéticas ou coreográficas. Os sucessos de certa ordem, embora de pouca monta, podem ser trazidos a lume, contanto que ponham em relevo a tua pessoa. Explico-me. Se caíres de um carro, sem outro dano, além do susto, é útil mandá-lo dizer aos quatro ventos, não pelo fato em si, que é insignificante, mas pelo efeito de recordar um nome caro às afeições gerais. Percebeste? (ASSIS, 2006, p. 42).”

Sob o ponto de vista filosófico esse estilo de vida pode ser caracterizado como utilitarista ao extremo. Não é preocupação dos seus adeptos o ganho efetivo de um bem em si, mas somente os favores passageiros que gozam aqueles elevados pela opinião pública.

3. CAPÍTULO 02 – O CONTO “O ESPELHO” E A TEORIA DAS DUAS ALMAS

CASTRO (2012) explica que existe uma tensão que nasce da existência de duas almas. Ela é praticamente imperceptível enquanto o sujeito se ocupa de satisfazer o ego de sua alma exterior. No entanto, quando ele se encontra muito tempo sozinho, começa a se sobressair a alma interior, e suas inquietações provocam inevitavelmente uma crise e uma ruptura do equilíbrio.

No conto machadiano, é o personagem Jacobina quem apresenta a teoria das duas almas. É possível imaginar que, inicialmente, houvesse um equilíbrio entre as suas duas almas, mas isso não é mencionado no conto. Assim Jacobina inicia seu relato, que muito surpreende seus companheiros:

“Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... Espantem-se à vontade, podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. Shylock, por exemplo. A alma exterior daquele judeu eram os seus ducados; perdê-los equivalia a morrer. ‘Nunca mais verei o meu ouro, diz ele a Tubal; é um punhal que me enterras no coração.’ Vejam bem esta frase; a perda dos ducados, alma exterior, era a morte para ele. Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma...” (ASSIS, 1994, p. 61)

Assim a teoria das duas almas se volta para o que é exterior ao sujeito e olha para ele sob essa ótica. Essas almas são identificadas não somente com o espírito, mas podem ser qualquer coisa material. Lembra o versículo bíblico: onde está o seu

tesouro, aí está seu coração. Não que haja uma correspondência direta, porém sabemos que Machado conhecia a Bíblia e mais de uma vez a usa como referência em seus escritos. Quanto à alma interior, que olha de dentro para fora, esse “mínimo de humanidade” como diz Jacobina, essa parte se limita apenas a guiar o trato superficial e afetado com os demais indivíduos.

É curioso perceber que no conto “O espelho” realiza-se a teoria do medalhão. Não sabemos como foi a vida de Jacobina após essa revelação, apenas que se tornara um “capitalista astuto, e inteligente”. Porém, não é revelada a consideração que recebia da sociedade, embora possamos especular que ele era bem-visto por sua fortuna e tomava cuidado em evitar discussões. Uma extrapolação mais ousada poderia situar Jacobina como o pai da história da teoria do medalhão? Seria interessante que o fosse.

Na prosa machadiana alguns personagens se encontram e as histórias tendem a corresponder a uma mesma época. Esse fato talvez aconteça pelo formato de folhetim em que muitos foram publicados nos jornais.

A história deste conto se baseia na experiência de um homem taciturno em seus 45 anos, que é contrário a discussões, mas resolve explicar a seus amigos por que o homem tem duas almas: a primeira, de dentro, olha para o mundo e a segunda, de fora, olha para si.

Vindo de uma família pobre, Jacobina conta que lograra por mérito ser nomeado alferes. Esse feito o torna motivo de comemoração na família, e o excesso de mimos acaba por despertar no jovem o gosto pelos elogios e pela consideração pública.

“Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da Guarda Nacional. Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! tão contente! Chamava-me o seu alferes. Primos e tios, foi tudo uma alegria sincera e pura. Na vila, note-se bem, houve alguns despeitados; choro e ranger de dentes, como na Escritura; e o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que esses perderam. Suponho também que uma parte do desgosto foi inteiramente gratuita: nasceu da simples distinção. Lembra-me de alguns rapazes, que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés, durante algum tempo. Em compensação, tive muitas pessoas que ficaram satisfeitas com a nomeação; e a prova é que todo o fardamento me foi dado por amigos.

Vai então uma das minhas tias, D. Marcolina, viúva do Capitão Peçanha, que morava a muitas léguas da vila, num sítio escuso e solitário, desejou ver-me, e pediu que fosse ter com ela e levasse a farda. Fui acompanhado de um pajem, que daí a dias tornou à vila, porque a tia Marcolina, apenas me pilhou no sítio, escreveu a minha mãe dizendo que não me soltava antes de um mês, pelo menos. E abraçava-me! Chamava-me também o seu alferes.” (ASSIS. p. 58, 1994)

Esse novo homem percebe que vai nascendo aos poucos uma nova natureza em si, uma nova alma, alma de alferes, que termina por substituir o homem. Deixado, por circunstâncias especiais, sozinho, no sítio da tia Marcolina, de onde os escravos fugiram, o novo Jacobina entra em crise e passa a ter delírios como o velho Barba Azul proclamara: “*Anne, sœur Anne, ne vois-tu rien venir*”, ou: Irmã Ana, irmã Ana, você não vê ninguém que chega? (tradução do autor).

Alguns dias de sofrimento encontram seu fim quando ele decide mirar-se no grande espelho dado por sua tia orgulhosa de sua posição. O objeto que, outrora, tanto lhe dera brios, agora recusa-se a mostrar o reflexo de Jacobina que foge assustado, mas não por muito tempo.

“Vão ouvir coisa pior. Convém dizer-lhes que, desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho. Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição humana, porque no fim de oito dias deu-me na veneta de olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra.” (ASSIS, 1994, p. 64)

Depois do choque da imagem lacunar, surge, de repente, a ideia de vestir o uniforme de alferes para se olhar ao espelho, tudo volta ao normal! Fica até melhor que antes. Daí em diante ele passa a dispender duas horas por dia sentado na frente do espelho devidamente trajado com o uniforme.

Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. Imaginai um homem que, pouco a pouco, emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as pessoas dos objetos, mas não conhece individualmente uns nem outros; enfim, sabe que este é Fulano, aquele é Sicrano; aqui está uma cadeira, ali um sofá. Tudo volta ao que era antes do sono. Assim foi comigo. Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regime pude atravessar mais seis dias de solidão sem os sentir. Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas. (ASSIS, 1994, p. 65)

Dessa forma se consolida nele a segunda alma, tão ou mais importante que a primeira, pois sem a alma externa muitos já pereceram, e Jacobina cita o exemplo do judeu Shylock, personagem do clássico teatral de William Shakespeare, o *Mercador de Veneza*, o qual entra em total decadência após perder sua fortuna que era a alma externa que o identificava consigo mesmo.

O espelho é um conto pequeno, termina com Jacobina descendo as escadas para dormir após um discurso de 40 minutos, muito maior do que estava acostumado a fazer. Seus espectadores encontram-se tão absortos em acompanhar sua teoria e raciocínio que quando despertam já o palestrante havia se retirado.

Embora a palavra “medalhão” não seja empregada nesse conto, um novo elemento pode ser extraído dele para a definição desse tipo humano tão frequente nas páginas machadianas. Medalhão é o sujeito que foi inteiramente dominado pela alma exterior. Ele se torna tão dependente da opinião que os outros têm sobre ele, do louvor de uma plateia, da aclamação pública, que a alma interior se degenera a ponto de desaparecer. Ciente da proporção que a supremacia da alma exterior ia adquirindo, conforme a posição de alferes conquistava favores, benesses, admiração e mesmo inveja, Jacobina dá numa frase o diagnóstico perfeito: “O alferes eliminou o homem”.

Nessa colocação, percebe-se um dos traços que notabilizaram o escritor Machado de Assis: a concisão formular. A frase impressiona não só pela ironia, mas pela capacidade de seu autor de, com grande economia e argúcia, circunscrever um problema e caracterizar um tipo humano de que davam abundantes exemplos os salões sociais das altas rodas que constituíam a sociedade carioca do Segundo Império.

4. CAPÍTULO 03 - BRÁS CUBAS, UM MEDALHÃO

4.1 Machado e as *Memórias póstumas de Brás Cubas*

A vida de Machado de Assis transcorre entre 1839 (nascimento) e 1908 (morte). Esse período se insere na História do Brasil Império e nos primeiros momentos da República Velha. Atravessam-se três fases distintas, o Período Regencial e o Segundo Reinado, culminando na eclosão da República.

Esse período acrescenta questões importantes que emergirão de formas variadas na estrutura social escravista, no modelo político-institucional, na cultura e nas artes, incluída a literatura e, mais especificamente, as obras de Machado de Assis, onde se insere *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Machado foi escritor de seu tempo. Acompanhou toda a vida singular do período correspondente ao Segundo Reinado (1840-1889) no Rio de Janeiro. Fez duas viagens a Nova Friburgo, mas sem motivação turística, pois tinha como objetivo tratamento médico, e também algumas viagens a Petrópolis. Pode-se dizer que viveu o Rio de Janeiro em toda plenitude de seus tipos e costumes, saudando-o com seus personagens e intrincados contornos psicológicos. As referências à cidade do Rio de Janeiro são inúmeras a ponto de originar estudos e muitas obras a respeito do tema.

O Realismo brasileiro, de acordo com MARINHO (2021) inicia-se com o romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, obra em 160 capítulos, publicada em 1881. As principais características do realismo são o racionalismo e o cientificismo às avessas, devido à ironia, mas, de qualquer modo, em oposição aos princípios estilísticos do Romantismo, e contra a idealização dos heróis, sua sublimação e os sentimentos levados ao extremo.

O movimento realista apresentou-se em duas vertentes, a psicológica, da qual Machado de Assis foi o principal expoente – nela, o foco da obra não são as ações em si, mas o modo como as personagens veem e sentem as circunstâncias que vivem; e a naturalista, a qual teve como principal autor Aluísio Azevedo, com as obras *O mulato* e *O cortiço* – nela, as ações humanas aparecem determinadas pelo meio, tempo e hereditariedade e, em geral, o homem aparece animalizado (BRANDINO, 2021).

Memórias póstumas de Brás Cubas é um romance desenvolvido em princípio como folhetim, de março a dezembro de 1881, na *Revista Brasileira*, para, no ano seguinte, ser publicado como livro, pela então Tipografia Nacional.

Brás Cubas é um dos personagens mais complexos de Machado de Assis e sobre o qual mais conhecemos a maneira de pensar e agir. Por isso analisá-lo apenas sob a ótica de dois contos parece limitante, mas a riqueza das nuances do autor nos permite ir além. A limitação, contudo, tem por objetivo focalizar com bastante nitidez a questão levantada.

Brás Cubas se auto-intitula "defunto-autor", o que, segundo Araújo (2016), é a definição dada a um homem que já morreu e que deseja escrever a sua autobiografia, que o leva a promover sua narrativa em primeira pessoa. Seu autor é nascido em uma típica família da elite carioca do século XIX e, do túmulo, escreve suas memórias póstumas, começando com uma dedicatória: "Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas."

Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia - peneirava - uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa ideia no discurso que proferiu à beira de minha cova: (...) Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei. (ASSIS, p. 36, 1994.)

De acordo com Araújo (2016), no prólogo intitulado "Ao Leitor", o estilo de seu livro é detalhado pelo próprio narrador. Já o capítulo primeiro, chamado de "Óbito do Autor", explica seus funerais e, no capítulo seguinte, iniciando propriamente a narrativa, é explicitada a *causa mortis*: uma pneumonia contraída enquanto inventava o "emplastro Brás Cubas", sendo este a sua última obsessão, uma panaceia medicamentosa que salvaria a humanidade e lhe garantiria a glória entre os homens, As palavras dele ao mencionar o emplastro já manifestam, desde o início do livro, o seu caráter (ou a falta dele): "Assim, a minha ideia trazia duas faces, como as

medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: – amor da glória".

No Capítulo VII, "O Delírio", explica o que antecedeu ao óbito.

Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faço-o eu, e a ciência me agradecerá. (...) Primeiramente, tomei a figura de um barbeiro chinês, bojudado, destro, escanhoando um mandarim, que me pagava o trabalho com beliscões e confeitos: caprichos de mandarim. Logo depois, senti-me transformado na Suma Teológica de São Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; ideia esta que me deu ao corpo a mais completa imobilidade; e ainda agora me lembra que, sendo as minhas mãos os fechos do livro, e cruzando-as eu sobre o ventre, alguém as descruzava (Virgília decerto), porque a atitude lhe dava a imagem de um defunto." (ASSIS, p. 42, 1994.)

Segundo Castro (2016), no Capítulo IX, "Transição", Brás Cubas começa revendo a própria infância de menino rico, mimado e endiabrado – quando apareciam as propriamente ditas memórias: carregava a alcunha de "menino diabo" desde cedo, dando mostras do seu comportamento perverso, quando montava num dos filhos dos escravizados de sua casa – o moleque Prudêncio, ao qual fazia de cavalo –, ou ao quebrar a cabeça das escravas por não ser atendido em algum querer.

Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me reprendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos. Não se conclua daqui que eu levasse todo o resto da minha vida a quebrar a cabeça dos outros nem a esconder-lhes os chapéus; mas opiniático, egoísta e algo contemptor dos homens, isso fui; se não passei o tempo a esconder-lhes os chapéus, alguma vez lhes puxei pelo rabicho das cabeleiras. (ASSIS, p. 43, 1994.)

No relato franco do defunto autor, o temperamento egoísta e a personalidade vaidosa e vazia de Brás Cubas vão se delineando. Sobretudo, vai ficando claro como

o pai contribuiu diretamente para a formação de um rapazinho que julgava ter o mundo a seus pés. Quando ainda tinha dezessete anos, apaixonou-se por uma amiga de rapazes e de dinheiro, uma prostituta de luxo que respondia pelo nome Marcela, num envolvimento que quase dizimou a fortuna da família em apenas quinze meses e onze contos de reis.

Tinha dezessete anos; punha-me um buçozinho que eu forcejava por trazer a bigode. Os olhos, vivos e resolutos, eram a minha feição verdadeiramente máscula. Como ostentasse certa arrogância, não se distinguia bem se era uma criança com fumos de homem, se um homem com ares de menino. (...) Mas vá lá; ou se há de dizer tudo ou nada. A que me cativou foi uma dama espanhola. Marcela, a "linda Marcela"(...) Era boa moça, lépida, sem escrúpulos, um pouco tolhida pela austeridade do tempo, que lhe não permitia arrastar pelas ruas os seus estouvamentos e berlindas; luxuosa, impaciente, amiga de dinheiro e de rapazes. Entretanto, pagava-me à farta os sacrifícios; espreitava os meus mais recônditos pensamentos; não havia desejo a que não acudisse com alma, sem esforço, por uma espécie de lei da consciência e necessidade do coração. Nunca o desejo era razoável, mas um capricho puro, uma criança, vê-la trajar de certo modo, com tais e tais enfeites, este vestido e não aquele, ir a passeio ou outra coisa assim, e ela cedia a tudo, risonha e palreira. (ASSIS, p. 46, 1994.)

Como o capricho custou caro, o pai o encaminha a Coimbra, lugar onde mal e porcamente conclui o curso de Direito depois de muitos anos desbravando a boemia, fazendo romantismo prático e liberalismo teórico.

Em consequência de um namoro inconsequente com Eugênia, coxa de nascença e filha de D. Eusébia, uma amiga da família de poucas ou quase nenhuma posse, seu pai tenta levá-lo à política a partir do casamento e direciona o relacionamento de Brás Cubas com Virgília, cujo pai, o Conselheiro Dutra, o apadrinha com a intenção de tê-lo como seu genro. Entretanto, a moça escolhe casar-se com Lobo Neves, candidato a uma carreira política, assim como Brás:

E então apareceu o Lobo Neves, um homem que não era mais esbelto que eu, nem mais elegante, nem mais lido, nem mais simpático, e, todavia, foi quem me arrebatou Virgília e a candidatura, dentro de poucas semanas, com um ímpeto verdadeiramente cesariano. Não

precedeu nenhum despeito; não houve a menor violência de família. Dutra veio dizer-me, um dia, que esperasse outra aragem, porque a candidatura de Lobo Neves era apoiada por grandes influências. Cedi; e tal foi o começo da minha derrota. Uma semana depois, Virgília perguntou ao Lobo Neves, a sorrir, quando seria ele ministro. - Pela minha vontade, já; pela dos outros, daqui a um ano. Virgília replicou: - Promete que algum dia me fará baronesa? - Marquesa, porque eu serei marquês. Desde então fiquei perdido. Virgília comparou a águia e o pavão, e elegeu a águia, deixando o pavão com o seu espanto, o seu despeito, e três ou quatro beijos que lhe dera. (ASSIS, p. 54, 1994.)

Com o reaparecimento de Virgília, anunciada pelo primo Luís Dutra, Brás Cubas e a moça tornam-se amantes, dando asas a uma paixão que não eclodiu quando noivos. Da relação adúltera surge uma gravidez, mas o fruto desta relação morre antes de nascer. Em seguida, Brás Cubas corrompe Dona Plácida para que figure como a moradora de um casebre na Gamboa por cinco contos de réis, lugar que serviria para ponto de encontro entre os amantes:

Era a nossa sorte amar-nos; se assim não fora, como explicaríamos a valsa e o resto? Virgília pensava a mesma coisa. Um dia, depois de me confessar que tinha momentos de remorsos, como eu lhe dissesse que, se tinha remorsos, é porque me não tinha amor, Virgília cingiu-me com os seus magníficos braços, murmurando: - Amo-te, é a vontade do céu. (ASSIS, p. 72, 1994.)

O tempo passa e Brás Cubas torna-se deputado, perseguindo a celebridade ou até correndo atrás de uma vida menos tediosa. Tentando conseguir uma posição de ministro, ele adota o mesmo padrão de comportamento superficial e interesseiro: "Eu não havia intervindo até então nos grandes debates. Cortejava a pasta por meio de rapapés, chás, comissões e votos; e a pasta não vinha. Urgia apoderar-me da tribuna". Quando tem ocasião de tomar a tribuna, faz um discurso acerca da necessidade de diminuir a barretina da guarda nacional! E, sobre esta inutilidade, elabora uma fala cheia de arrebiques literários e filosóficos (cap. CXXXVII). Lobo Neves, por sua vez, é nomeado presidente de uma província e parte com Virgília para o Norte, terminando de uma vez por todas a relação dos amantes.

Nhã-Loló, sobrinha de Cotrim, de 19 anos, torna-se noiva de Brás Cubas a partir de um arranjo feito por Sabina, mas ela morre de febre amarela e ele definitivamente se transforma num solteirão rico e ocioso, mas cheio de ideias de grandeza. Tentativas fracassadas de ser ministro de estado e de fundar um jornal de oposição são ações de Brás, que confirmam a personalidade que esboçou desde menino.

Virgília, já idosa e desprovida da beleza, solicita a Brás Cubas o amparo à indigência de Dona Plácida, que morre em seguida. Sucessivamente perdem a vida, também, Lobo Neves, Marcela e o amigo Quincas Borba. Eugênia é descoberta num cortiço. A derradeira tentativa de glória é fazer uso do remédio que supostamente curaria todas as doenças, o "emplasto Brás Cubas". Como ironia do destino, Brás é acometido por uma pneumonia depois de uma das idas à rua com o intuito de acompanhar o seu projeto, perdendo a vida aos 64 anos.

Acompanhada de seu filho, Virgília faz uma visita a Brás Cubas, encontrando-o acamado. Ele vem a morrer após longo delírio, durante o qual conhece Pandora, cujas lições são essenciais para o nascimento do defunto autor. Transformado em escritor no ato de sua morte, ele escreve suas memórias de além-túmulo, com a franqueza de que só um defunto é capaz, expondo e realçando lisamente a sua mediocridade.

4.2 Análise da relação entre a Teoria do Medalhão e *Memórias póstumas de Brás Cubas*

A Teoria do Medalhão, desenvolvida no conto homônimo de Machado de Assis, e postulada pelo personagem que é pai de Janjão, trata de uma forma de galgar os favores da sociedade por meio de um comportamento supérfluo e que evita as consequências das ideias originais.

No referencial teórico desenvolvido anteriormente sobre a Teoria, vimos que o enredo sobre o qual se desenvolve a narrativa do conto é de origem tragicômica. Esse estilo permeia a obra machadiana e confere o tom jocoso e ao mesmo tempo triste da baixa aspiração dos personagens, que almejam os bens passageiros e levianos da opinião pública.

Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o “defunto autor” revolve o seu passado que não sabemos se recente ou não. Nessa reflexão ele denuncia seus próprios erros e os ironiza já sem a obrigação da aparência. Entre eles o amor da

honra, que chega ao seu auge na loucura megalomaníaca que consome Brás Cubas em seus últimos dias de vida: a criação de um emplastro para curar todas as doenças, um feito tão grandioso que poderia ser comparado ao ato de um deus. No entanto o que Cubas consegue é tão somente contrair um resfriado que se transforma em pneumonia e o leva para a cova.

Se para Janjão a vida de medalhão se apresentava por meio de um conselho do pai, revelado tão somente na maioridade, para Brás Cubas trata-se de uma vida inteira cercada de mimos paternos e maternos que foram os seus primeiros “louros”. O gênio intempestivo do menino, para o personagem, é o “pai do homem”, justamente por revelar na criança as tendências do adulto e tornar-se o seu precursor. Mas o pai de Brás Cubas lhe dá um conselho bem parecido ao dado pelo pai de Janjão: “Teme a obscuridade, Brás; foge do que é ínfimo. Olha que os homens valem por diferentes modos, e que o mais seguro de todos é valer pela opinião dos outros homens” (cap. XXVII). O conselho não podia ser mais adequado para gerar para um medalhão.

Embora a paixão por Marcela o tenha prendido ao Brasil, ao ser enviado para Coimbra ele encontra rapidamente uma plateia de amigos para aplaudir os seus desmandos. Uma vez entronado como maioral das festas, ele se recusa a voltar para trabalhar com o pai. Mesmo depois de formado, ele decide esbanjar o dinheiro de herdeiro em viagens pela Europa.

Ao formar-se, o jovem tem plena consciência de que não adquiriu a ciência devida ao diploma. Embora sinta-se enganado, ele experimenta uma certa alegria em também lograr a sociedade que vai considerá-lo um bacharel em direito. Para coroar ainda esse feito, jamais exercerá a profissão de fato. A mentalidade e o comportamento de medalhão já se insinuam no trecho abaixo:

E foi assim que desembarquei em Lisboa e segui para Coimbra. A Universidade esperava-me com as suas matérias árduas, e não sei se profundas; estudei-as muito mediocrementemente, e nem por isso perdi o grau de bacharel; deram-me com a solenidade do estilo, após os anos da lei; uma bela festa que me encheu de orgulho e de saudades, - principalmente de saudades. Tinha eu conquistado em Coimbra uma grande nomeada de folião; era um acadêmico estroina, superficial, tumultuário e petulante, dado às aventuras, fazendo romantismo prático e liberalismo teórico, vivendo na pura fé dos olhos pretos e das constituições escritas. No dia em que a Universidade me atestou, em pergaminho, uma ciência que eu estava longe de trazer arraigada no

cérebro, confesso que me achei de algum modo logrado, ainda que orgulhoso. (...) (ASSIS, 1994, p. 47-8.)

Durante a estada em Veneza, ele recebe a notícia da iminente morte da mãe, e, tocado pela profecia materna que lhe dissera ao partir que nunca tornaria a ver seu filhinho novamente, ele se sente triste e abatido. Esse talvez seja o único momento da obra no qual o personagem experimenta um sentimento verdadeiro e tem um lampejo de consciência:

Ao cabo de alguns anos de peregrinação, atendi às súplicas de meu pai: - "Vem, dizia ele na última carta; se não vieres depressa acharás tua mãe morta!" Esta última palavra foi para mim um golpe. Eu amava minha mãe; tinha ainda diante dos olhos as circunstâncias da última bênção que ela me dera, a bordo do navio. "Meu triste filho, nunca mais te verei", soluçava a pobre senhora apertando-me ao peito. E essas palavras ressoavam-me agora, como uma profecia realizada. (ASSIS, 1994, p. 48.)

Assim, Brás Cubas encarna o perfeito medalhão. Como diria o pai de Janjão, “somente os gênios conseguem antes dos 30 instalar-se como medalhão”. No entanto, cabe a ressalva de que uma vez solteiro e herdeiro de uma fortuna, ele rapidamente se dá conta de que não possuía ainda a consideração cobiçada, mas tão somente aproveitava a amizade fácil de que dispõem os jovens abastados. Passada a juventude, era preciso mostrar-se na vida.

O desejo de obter glória a um preço barato ainda levará Brás Cubas ao parlamento como deputado, mas tão somente depois de perder a noiva para um político eminente chamado Lobo Neves. Nesse momento de sua vida, ele relembra que Virgília comparara a Águia que via em Lobo Neves com o Pavão que ele, Brás Cubas, era e resolvera abandonar o Pavão que nada tinha a lhe dar. Essa escolha de Virgília a enquadra na Teoria do Medalhão: ela aspirava a ser baronesa e até marquesa por meio da ascensão política do marido.

É possível, e vemos mais tarde no romance, que Virgília ame de fato Brás Cubas – ou pelo menos nutre por ele uma paixão ardente –, e os dois começam um relacionamento “secreto” e usam para o fim de se amarem a casa de uma pobre ex-

empregada da família de Virgília. A relação vem a terminar tempos depois com a mudança do marido de Virgília para assumir um cargo importante no Norte do país. Daí não resulta nenhuma lamentação de ambas as partes, denotando uma vez mais a falta de profundidade que o caráter da classe dominante exhibe no romance.

Defunto autor, como vimos, é aquele que se tornou escritor justamente no ato da morte. A sua grande iniciadora na escrita foi a própria morte. Como ele diz já nas primeiras linhas do romance: para ele, “a campa foi outro berço”, quer dizer, a sepultura foi para ele um segundo nascimento. Vendo o mundo já distanciado do baile de máscaras da vida, ele denuncia, no Brás Cubas que ele próprio foi, o gosto pelas palavras rebuscadas e frases feitas. Para isso, Brás Cubas alimentara-se de leituras pesadas e sem proveito, senão o indicado pelo pai da teoria do medalhão, que é afastar do espírito as ideias novas.

A companhia constante é que falta ao Brás vivo, e talvez por essa falha a ideia fixa do emplastro tenha se apossado dele. Essa ideia fixa parece funcionar como um subproduto do cérebro sufocado de superficialidades. Uma vez bloqueada a saída para as ideias genuínas, pela conversa fácil e compêndios maçantes de livros, como alerta o pai da teoria, elas forçam por sair para algum lugar e acabam sendo mutiladas ao forçar a passagem. Mais uma vez o remédio do teórico é não ficar só por muito tempo, uma vez que isso dá lugar às ideias.

A pobre mulher que acobertara o romance de Brás Cubas e Virginia, esposa do Lobo Neves, se vê desamparada em sua velhice, sinal de que a atenção do amante para com a senhora existia tão somente quando esta oferecia sua casa para os encontros. Bem sabia ela o que fazia, e sua consciência a acusara no começo, mas esta consciência também cedeu ao vislumbre das peças gratuitas que ganhava para adornar sua casa, além da ajuda financeira.

Quando a história do adultério se espalhou pela cidade, o marido de Virgília aceita uma promoção para ver-se afastado da maledicência das pessoas. Some a antiga afilhada e o provisório amigo e fica a senhora mal falada e sem conhecidos abastados que a possam socorrer. Somente tempos depois e a pedido de Virgília, o egoísta Brás Cubas se recorda da antiga senhora.

Esse fato é mais um desdobramento utilitarista dessas teorias. Nenhuma das personagens aqui mencionadas se ocupa em dar sem receber em troca. O pai de Janjão recomenda ao filho a ocasião de dar um jantar e convidar os que possam retribuir-lhe o convite, e ainda pontua que se faça a maior publicidade possível do ato.

Tudo são exibições, tudo cálculo de ganhos futuros, pois ao dar uma esmola na rua o egoísta Brás Cubas mostra-se também um ávaro. Em ordem decrescente, ele escolhe cada níquel que irá despende, primeiro os contos, depois escudos, e por último regala-se em sua prodigalidade em dar 5 vinténs.

4.3 Análise da relação entre a Teoria das duas almas de “O espelho” e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

Na Teoria das Duas Almas, defendida pelo personagem Jacobina no conto “O espelho”, a separação entre ser o que se é e o desejo da glória chega ao ponto culminante de separar a alma humana em duas. O utilitarismo vigente na sociedade consumista desconhece limites e chega a partir o indivíduo ao meio. O que está em jogo no conto “O espelho” e na “Teoria do medalhão” é o drama entre *ser* e *vender uma imagem de si* que pode conquistar louros, ganhar vantagens e dar ao homem a ilusão de que ele é muito maior do que de fato é. Na “Teoria do medalhão”, a questão é tratada com cinismo e desfaçatez e o pai de Janjão assume sem nenhum escrúpulo que “se dar bem” no mundo das aparências é o que de melhor o homem pode granjear. Em “O espelho”, o problema já tem contornos mais melancólicos, porque Jacobina tem a consciência clara da falsidade e da impostura que se tornou o seu estar no mundo. Ele dá indícios de sofrer com isso, embora não tenha conseguido se desapegar da imagem que, por assim dizer, o consagrou. Quando ele ficou só na fazenda, se olhou ao espelho sem a farda e viu a sua imagem como que desaparecendo, ele teve uma espécie de revelação e poderia ter rompido com a imagem “ideal” de alferes e voltado a ser apenas o Joãozinho. Mas ele não o fez. Ao invés disso, ele eliminou o resto de Joãozinho que ainda havia nele e “colou” de todo na imagem do alferes, “confirmando-se” dia após dia através de seu reflexo no espelho. Mas o que ele via no espelho era apenas uma imagem, que ele precisava manter fosse como fosse, à custa de não ser mais do que uma mera projeção de si mesmo. Ele deixa de *ser* para tão somente *parecer*. Ele vira o perfeito medalhão: pura exterioridade, fatuidade.

É nesse ponto que o conto de Machado se mostra tão atual. A realidade paralela e ilusória criada pelas redes sociais está levando as pessoas cada vez mais a tentarem se transformar na imagem de si mesmas que mais atrai “likes” e aprovação

pública. A dependência da opinião dos outros está, para usar os termos de Machado, eliminando a alma interior das pessoas, o que as está deixando perdidas e desorientadas, porque a alma exterior *não é nada além de imagem*, e, como Machado mostra no conto, muda a toda hora.

Brás Cubas também passa a sua vida inteira como medalhão, vivendo, por assim dizer, “para fora”, apenas “vendendo-se” nos salões da alta sociedade, graças à abastança da sua família. Mas depois que morre e passa a olhar a vida de uma perspectiva privilegiada, além da vida e da morte, vê claramente a vacuidade da sua vida e se torna o maior desmascarador de si mesmo. Afinal, a um defunto não importa a opinião alheia. Como diz o defunto autor no genial capítulo XXIV: “O olhar da opinião, esse olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte”. Ele pode, então, “sacudir fora a capa, deitar ao fosso as lentejoulas, despregar-se, despintar-se, desafeitar-se, confessar lisamente o que foi e o que deixou de ser!”

Outrora inocente, Jacobina tinha como mundo exterior a beleza do Sol, da natureza e das belas mulheres, mas quando se torna alferes a sua humanidade torna-se cada vez menor, ao ponto de ocupar somente o espaço necessário ao exercício do cargo no trato com as pessoas. Assim a sua vida se resume em ser alferes e ocupar um cargo, o que faz dele um medalhão.

Chama atenção nesse ponto que as duas teorias sejam tão parecidas, mudando apenas a profundidade com que agem no ser. Enquanto o medalhão tem o cálculo da postura, o alferes das duas almas é simplesmente premiado e louvado por algo que inicialmente parece que não lhe despertava a atenção, mas que veio a conhecer por sorte e dele se apossou. Nada muda no espírito do medalhão; em Brás Cubas, o tédio frequentemente sucede à conquista enganadora do imerecido.

Mas Jacobina não demonstra tédio pelo que conquistou, de fato ele sente algo como uma paixão pela sua posição. Ele a vê de fora e sua imagem no espelho agrada tal qual a Narciso que se contemplava nas águas paradas do lago. O medalhão também parece ser capaz de enxergar-se de fora e projetar a sua satisfação na exterioridade de bens e honrarias. No entanto, a satisfação e o contentamento não parecem suficientes para quem já vendeu sua consciência. Essa constatação pode a princípio parecer chocante, mas ela é prevista pelo autor da teoria como consequência natural do esforço quase estoico de neutralizar qualquer resquício de originalidade e individualismo.

Aparentemente o medalhão não está em crise com a sua consciência, ele age propositalmente em direção ao seu objetivo de maneira articulada e calculada. Já o indivíduo que desconfia ter duas almas ainda percebe uma necessidade mínima de humanidade, enquanto o primeiro não passa de uma casca vazia incapaz sequer de desencadear acidentalmente uma crise que o faça sentir o conflito interno entre a sua ambição e a sua humanidade.

Outra possibilidade para a teoria das duas almas é que tão somente essa segunda não seja algo pessoal, mas ideal e fantasioso capaz de deslumbrar o indivíduo que não se separa de fato, mas torna-se identificado com o objeto “alma” desejada. Jacobina prevê que as almas são duas, interna e externa, e que a externa pode mudar; ele mesmo vinha experimentando essa mudança.

Dentro da paratopia montada por Machado de Assis, os personagens exibem comportamentos sociais semelhantes na tendência ao supérfluo que chega a ser sufocante. Suas ideias giram em torno unicamente da satisfação e reconhecimento. Falta em todos os cantos o mínimo de amor e heroísmo.

Com essas teorias o escritor zomba de uma sociedade que ama a aparência escancarando, pela polifonia de vozes, as ideias mais simplórias sob o ar da seriedade, do ensinamento e até mesmo da erudição, como pensa de si mesmo o Brás Cubas que, em seu delírio, chega a enxergar-se como transmutado na própria Súmula Teológica de Santo Tomás de Aquino, mas numa versão especial com fechos de prata.

O caso de Brás Cubas parece tão perdido e distante que somente no delírio da morte sua consciência parece manifestar-se e vencer toda a distância que o separava da realidade das ideias autênticas. Para isso, Machado se vale de uma extensa alegoria, uma viagem à origem dos tempos. É para lá que Brás Cubas é levado a fim de ser confrontado ao menos uma vez com a verdade em forma de natureza, mas não de uma divindade, o que mostra que por mais que se tivesse purificado pelo sofrimento ele não seria capaz de imaginar um sentido além da física material dos sentidos.

O delírio observado é o ponto mais lúcido dessa consciência corrompida, assim mais uma vez a ironia vence o senso comum: o que dorme está acordado, o que delira está lúcido e o que está lúcido, enlouquecido está. Não poderia o autor ser mais magistral em sua escrita; mordaz e implacável, não se revela aos olhos do vulgo, ele os atrai como papel pega moscas. A isca é a sordidez dos personagens que desperta curiosidade atávica do ser humano, curiosidade essa a que ele assim se refere em “O

espelho”: “santa curiosidade! tu não és só a alma da civilização, és também o pomo da concórdia”. O leitor atento passa a desconfiar do significado aparente das coisas. Esse é o objetivo do autor, arrancar-nos do estado de conforto e letargia que preside à assembleia pública, pois do contrário continuaremos cegados por nossas respostas comuns.

Seria a alma externa uma falsificação da consciência, tal qual o medalhão falsifica o carácter e a personalidade? Ambos, amputados pela aparência, levariam inexoravelmente à degeneração qualquer sociedade em que fossem nutridos. Por isso não se observa o arquétipo do herói nos escritos machadianos. O herói não caberia na paratopia, seria um membro deslocado e fatalmente passaria por um alienado.

Desse ponto de vista lembra-se o homem de ciência personificado por Simão Bacamarte em “O alienista”. Esse personagem se dedica seriamente ao estudo das doenças mentais em uma cidade pequena. Ele recebe toda a consideração de alguns políticos enquanto sua pesquisa encerra na Casa Verde, sanatório, os adversários deles. No entanto, a coisa sai do controle e toda a cidade vai parar nas grades e, por fim, Simão mesmo resolve internar-se e libertar os outros, tomando consciência de que o louco é ele.

É uma comédia guiada pela opinião pública acerca dos comportamentos individuais, mas denuncia a superficialidade das intenções e as intenções particulares que se aproveitam do pretexto da necessidade pública para aferir ganhos políticos. Assim todos agiam por interesse, bem diferente dos loucos alienados que não atinam com interesse nenhum, nem desejam enganar ninguém. O medo de parecer louco toma conta dos cidadãos que nem ousam mais sair de casa. Os que foram recolhidos à Casa Verde e libertados sentem vergonha, outros, que inicialmente foram favorecidos pela iniciativa, ironicamente se revoltam contra a “tirania” do cientista e se amotinam para derrubá-lo, mas não sem aproveitar para capitalizar em cima do prejuízo dos adversários políticos.

Em suma, produz-se mais uma versão do mundo paratópico da aparência. De maneira alguma poderia o autor fazer isso de maneira aberta, mas a licença poética das letras deu voz ao seu descontentamento e gerou uma fonte rica de exemplos e reflexões sobre a sociedade brasileira de antes e de hoje.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando em paralelo as duas teorias citadas, pelo ângulo do mundo paratópico criado por Machado de Assis, conclui-se que ambas as teorias se complementam e se alternam. Dentro dos jogos metafóricos e irônicos inventados pelo autor, aos poucos a sociedade vai ficando nua diante de si mesma. Como a maiêutica socrática, o autor primeiro explica o modo de pensar em vigor por meio das teorias, em seguida ele as considera verdadeiras para que se contradigam no contato com a realidade. Dessa forma ter-se-ia a ruptura do paradigma da aparência e levantar-se-ia diante do leitor a esfinge da escolha: “decifra-me ou te devoro”.

No entanto, Machado de Assis é mais criativo em manter a atenção do leitor voltada para a lama onde os personagens se movem, de novo e de novo, até que nos cansemos do espetáculo, mas ele constrói uma trama tão envolvente que nunca cansamos de o ler. Podemos antipatizar com os personagens que são feitos exatamente para esse fim, mas jamais o livro será ignorado. Muitos dizem que é fácil criar uma *Comédia da vida humana*, vivendo em Paris, um *O Vermelho e o Negro* com toda a ousadia de um Julien Sorel, mas as teorias do medalhão e das duas almas realizam incansavelmente em Brás Cubas a atração do leitor por personagens nada mais que comuns, mesquinhos e pequenos. Talvez a explicação esteja mesmo na polifonia que elas realizam. Ao falar Brás Cubas, Conselheiro Aires, Bentinho, é uma voz única que se levanta e fala. Não é Machado de Assis, mas o irônico narrador machadiano.

O que o pai de Janjão tão cuidadosamente nos aconselha talvez nós já o façamos sem saber. Buscar o que nos é exterior, desejar o que depende da aprovação dos outros, querer a todo custo mantê-lo em nossas mãos. Dentro do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, essas teorias são levadas ao nível filosófico quase de um teorema. O que antes era vago, agora torna-se claro pela longa exposição de acontecimentos. Dessa forma, os contos preparam o olho do leitor para procurar no personagem as características da teoria.

Mas esse processo não ocorre de forma linear, pois o narrador personagem tem pudor de se revelar diretamente, ele dissimula e tenta enganar muitas vezes, pois é humano, tão humano quanto um de nós é, capaz de atos de bondade, mas também de inúmeras faltas e omissões causadas pela preguiça, inveja, mesquinhez, avareza e tantos outros defeitos que se cobrem de hipocrisia e do desejo de louvores externos

que ajudem a desmentir a consciência ou mesmo enterrá-la o mais fundo possível na mente de maneira que só um delírio salvador possa despertá-la.

Essa conclusão é tão somente o resultado da minha experiência de leitor, aliada a umas duas teorias já consagradas pelo estudo da literatura e espera-se que ela possa servir de partida ao estudo dos que se interessam pelos atualíssimos escritos de Machado de Assis.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, J. M. M. Memórias Póstumas de Brás Cubas. In: ASSIS, M. Obra Completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, M. de. Teoria do Medalhão. In: ASSIS, M. de. Papéis Avulsos. São Paulo: Martin Claret, 2006

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Obra completa. COUTINHO, Afrânio (org.). Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1997. (Volume I). 1.214 p.

BARTHES, Roland. Aula. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

BETELLA, G. K. Narradores de Machado de Assis: a seriedade enganosa dos cadernos do Conselheiro (Esaú e Jacó e Memorial de Aires) e a simulada displicência das crônicas (Bons dias! e A semana). São Paulo: Edusp / Nankin, 2007.

BOSI, A. O enigma do olhar. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

BRANDINO, L. Aluísio Azevedo, Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/aluisio-azevedo.htm>. Acesso em 28 de fevereiro de 2021.

CALLIPO, Daniela. Polifonia, Carnavalização e Paródia na “Teoria do medalhão” de Machado de Assis: confronto com Le père goriot, de Balzac. Claraboia, v. 1, n. 1, p. 112-120, 2014.

CANDIDO, Antonio. Direitos humanos e literatura. In.: FESTER, A. C. Ribeiro e outros. Direitos humanos e... . São Paulo: Brasiliense, 1989.

CASTRO, P. C.; BRAGA, V. L. F.. Memórias póstumas de Brás Cubas: moda, cultura e história. Estação Científica, nº 16, 2016, p. 45-90.

DUTRA, Paulo. O “Recitativ” de Machado de Assis: Para uma leitura negra de “Missa do galo” e “Teoria do medalhão”. *Latin American Research Review*, v. 55, n. 1, p. 122-134, 2020.

GIMENEZ, Juliana Recalde; DE ASSUNÇÃO, Rosalina Brites. A paratopia do autor no conto “Teoria do medalhão” de Machado de Assis. *Revista Primeira Escrita*, n. 3, p. 9-21, 2016.

MARINHO, Fernando. Memórias póstumas de Brás Cubas, Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/memorias-postumas-bras-cubas.htm>. Acesso em 28 de fevereiro de 2021.

PELISSA, Marcello Davi. Resumo Expandido: Teoria do Medalhão. *Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Chapecó*, v. 4, p. e21077-e21077, 2019.

PENA, V. H. M. O fim do romance em Memórias Póstumas de Brás Cubas. *Cadernos Benjaminianos*, 2017.

PEREIRA, Cilene Margarete. “Teoria do medalhão”: o príncipe, de Machado de Assis (e suas repercussões). *Revista Língua&Literatura*, v. 35, n. 20, p. 150-164, 2018.